

1948: O pioneirismo da televisão em Juiz de Fora

Flávio LINS¹

Resumo: Neste artigo, discorremos sobre as experiências de transmissão de TV realizadas pelo técnico em eletrônica Olavo Bastos Freire nos anos 1940 e a luta para obter um sinal de televisão em Juiz de Fora - MG na década seguinte. O primeiro telejornal da cidade – feito com slides de Jorge Couri, fotógrafo contratado dos Associados, e com locutor em off – passava a apresentar no interior das residências os noticiários com imagens, até então restritos aos cinemas. A representação da identidade juiz-forana na telinha começava a invadir os lares e a modificar a maneira como os moradores da cidade passavam a ver o mundo e a se ver como parte dele.

Palavras-chave: Olavo Bastos Freire; Televisão; TV Mariano Procopio; Diários Associados; Telefoto Jornal.

Resumen: Este artículo analiza las experiencias de transmisión de TV realizados por el técnico em eletrônica Olavo Bastos Freire en la década de 1940 y la lucha para obtener una señal de televisión en Juiz de Fora - MG en la década siguiente. El primer noticiero en la ciudad - hecho con diapositivas de George Couri, el fotógrafo contratado para el periódico “Diarios Associados”, y con narración grabada – cambiava la relación con el público porque pasava en el interior de las casas noticieros con imágenes que antes eram apresentados solamente en los cines. La representación de la identidad dela ciudad de Juiz de Fora en la pantalla de la televisión empezava a entrar en los domicilios y cambiar la forma

1 Jornalista, Advogado. Especialista e Mestre em Comunicação Social pela UFJF. Atuou durante mais de vinte anos em emissoras de televisão de Juiz de Fora (SBT, Record, Band, TVE e Globo). Desenvolve pesquisas sobre História da Mídia. Leciona no curso de Especialização em TV, Cinema e Mídias digitais da UFJF. Dirigiu, editou e produziu o documentário “Cariocas do Brejo entrando no ar – um olhar sobre as três primeiras décadas da televisão em Juiz de Fora (1940-1960)” lançado em novembro de 2011. Autor do livro “Cariocas do Brejo entrando no ar – o papel do rádio e da televisão na construção da identidade juiz-forana (1940-1960)” lançado em maio de 2012. E-mail: flavio.lins@oi.com.br

como la gente de la ciudad vía el mundo y, porsupuesto, a verse como parte de él.

Palabras clave: Olavo Bastos Freire; Televisión; TV Mariano Procopio; Periódicos Associados; Telefoto Jornal.

Introdução

O escritor Luiz Augusto Milanesi (1978), ao tratar dos efeitos causados pela chegada do sinal de televisão a uma cidade do interior, conta que algumas pessoas continuaram a colocar suas cadeiras e bancos na calçada, como faziam para se informar e se entreter antes do acesso à programação de TV. Só que, desta vez, com as costas para a rua e os olhos voltados para o aparelho que estava no interior da casa. Acreditamos que o ato de dar as costas para o mundo que passa pela rua, dirigindo olhares e atenção para a telinha, torna-se uma metáfora para a chegada da televisão à maior parte das cidades brasileiras, como aconteceu no interior de Minas Gerais.

Na historiografia que temos sobre a televisão brasileira, são raras as referências às transmissões feitas, em Juiz de Fora, pelo técnico em eletrônica Olavo Bastos Freire. Consideramos que a televisão na América Latina teve início a partir dessas transmissões, realizadas na década de 1940. Mesmo tendo cursado apenas o primeiro ano ginásial, esse mineiro, nascido em Leopoldina, apaixonado por eletrônica, deu início à experimentação, utilizando esquemas para construção de um conjunto de TV (câmera-transmissor-receptor), publicados nos meses de maio, junho e julho de 1941, pela revista americana QSP, voltada para radioamadores. Segundo Freire (2001), que não era radioamador e teve acesso às revistas na oficina onde trabalhava, a montagem foi possível com a ajuda de um dicionário de inglês, já que não dominava o idioma, e ainda, graças a um kit para construção do equipamento, trazido dos Estados Unidos pelo amigo carioca, Eduardo Ferreira Rocha. O técnico destaca ainda, que o equipamento só previa a transmissão de imagens, pois para o envio do som, os radioamadores utilizariam os próprios radiotransmissores. De acordo com Freire, as primeiras experiências foram realizadas sem som. Somente a partir de 1948, o técnico fez uma adaptação que permitiu que o som também fosse transmitido.

O equipamento, que em 1948 proporcionou a primeira demonstração pública de TV da América Latina, começou a ser construído dois anos antes. De junho a dezembro de 1946, tendo comprado o primeiro iconoscópio, Olavo construiu a câmera; de janeiro a junho de 1947, o receptor de três polegadas; e de julho a dezembro de 1947, o transmissor. Depois do equipamento pronto, o técnico começou suas experiências de transmissão de imagens.

A primeira experiência de transmissão feita em circuito aberto, cujos indícios indicam tenha sido em 1947, assim que os equipamentos ficaram prontos, foi a partir da oficina onde Freire trabalhava, na Rua Marechal Deodoro, 373, realizada com a ajuda de um amigo, Ademar Fernando Ribeiro que morava em frente.

Eu coloquei um receptor lá no fundo do quintal dele e o transmissor ficou ali... A câmera ficou na janela da minha oficina no 373 e eu focalizando o bonde passando ali, o pessoal passando na Rua Marechal... e ele foi ver a imagem lá no fundo, né? Foi a primeira transmissão que eu fiz de televisão em circuito aberto, circuito aberto é quando a imagem é irradiada por ondas hertzianas, porque tem o circuito fechado que eu vou explicar pra você. Em circuito fechado, a câmera é ligada ao transmissor por um cabo, chamado cabo coaxial, então o sinal vai com aquele cabo... Sem o cabo eu não tenho imagem. [...] Até chamei o Ademar lá, ele viu, ele foi o primeiro a ver a transmissão à distância, uma distância pequena, 10m, 20m, até o fundo do quintal [...] Depois eu comecei a fazer experiências em distâncias cada vez maiores (FREIRE, 2001).

Deixando muitas vezes o transmissor e a câmera ligados em sua oficina na região central de Juiz de Fora, Freire ia com o receptor para lugares distantes, a fim de verificar até onde era possível captar as imagens, que segundo o técnico, só não chegava ao bairro Benfica, separado por morros e a 13 Km do centro da cidade (FREIRE, 2001).

Só em 1948 acontece a primeira experiência pública, registrada pelo jornal vespertino Diário da Tarde, no mesmo dia da transmissão, em 28 de setembro: “Juiz de Fora, pioneira da televisão no Brasil” com o “magnífico êxito nas experiências realizadas hoje pela manhã” onde estavam presentes “altas autoridades civis e milita-

res”. As transmissões de Olavo Bastos Freire foram realizadas “entre o Clube Juiz de Fora, onde fora instalada a estação transmissora e a Casa do Rádio, na Av. Getúlio Vargas, local em que ficou o aparelho receptor” (DIÁRIO DA TARDE, 28 de setembro de 1948, p.1).

O artigo do historiador José Luiz Stehling, no Diário Mercantil, publicado alguns anos depois, registrou o acontecimento:

Com o salão do Clube cheio de convidados, foi dado início à demonstração. Foram televisionados os presentes, mas o Sr. General Onofre (sic) ainda não se convencera da realidade. Ao ser televisionada a Av. Rio Branco, pelo telefone, fez a seguinte pergunta para os assistentes da Casa do Rádio: - “O que vocês estão vendo?” Resposta: - “Um bonde parado no ponto!” - “Qual o nome que está na taboleta?” Resposta: “Taper...” Muito bem, disse ele, mas vamos ver o receptor. Depois de ver no cinescópio as imagens, S. Exa. convenceu-se de que não fora ludibriado (STEHLING, 1961, p.2).

A opção pela Casa do Rádio, que possuía uma excelente estrutura técnica, foi um pedido de Freire ao proprietário, Ademar Rezende de Andrade. Segundo Stehling, “afilito, procurou o Dr. Ademar Rezende de Andrade na Casa do Rádio, pedindo-lhe a sua cooperação, para as demonstrações públicas que ia fazer em breve, antes dos técnicos franceses fazerem a deles no Rio de Janeiro” (STEHLING, 1961, p.2). A edição de 14 de agosto de 1947 do Diário da Tarde, já fazia referência ao *perigo francês*, que preocupava o pioneiro Freire, ao tratar da visita de um cientista europeu ao Brasil, denominado pelo jornal como *pai da televisão*.

Esperando no Rio o “Pai da Televisão”. Rio, 14 (Meridional) - Está sendo esperado aqui o sábio francês René Barthelemy, conhecido como o “pai da televisão”, o qual fará várias conferências nesta capital, sendo a primeira na próxima terça-feira, no auditório da A.B.I., sobre televisão (DIÁRIO DA TARDE, 14 de agosto de 1947, p.1).

No dia seguinte à transmissão pioneira de Freire, 29 de setembro de 1948, a cobertura do jornal Diário da Tarde foi ainda maior, contando a história da vida do téc-

nico, então com 32 anos e dando detalhes da experiência, além de anunciar o prosseguimento das transmissões a pedido do jornal e da Câmara Municipal. O legislativo aprovou a oficialização da transmissão e uma subvenção, para que Freire pudesse dar continuidade a suas experiências, construindo um transmissor maior (DIÁRIO DA TARDE, 29 de setembro de 1948, p.1). Em seu depoimento, Freire não faz referência ao recebimento de verbas públicas, tendo financiado suas experiências com recursos próprios e com a colaboração de amigos e empresas particulares. Situação que é reforçada no artigo do historiador Stehling, publicado no Diário Mercantil:

Para a consumação de seu ideal fez os maiores sacrifícios financeiros, privando-se até do indispensável para viver e assim, conseguia o dinheiro para importar os materiais de que necessitava. Dotado de grande força de vontade e rara habilidade, fazia e adaptava peças para sua aparelhagem. As mais importantes eram fabricadas na Escola de Engenharia. Juntamente com seu auxiliar, Teófilo Pereira Bastos, e outros amigos, dava início a uma série de experiências secretas (STEHLING, 1961, p.2).

Dentro do caráter incipiente que marca as experiências de Olavo Bastos Freire, acreditamos que tenham existido outras, testemunhadas apenas por ele e pessoas que o ajudavam, consideradas secretas por Stehling (1961, p.2). Uma das que ficaram mais conhecidas entre os pesquisadores foi a transmissão de um jogo de futebol, durante a comemoração do primeiro centenário de fundação do município de Juiz de Fora, em 1950, embora na época da realização tenha sido ignorada pela imprensa local.

[...] televisionou do campo do Tupi F.C., no bairro de Santa Terezinha, no dia 21 de maio deste ano, o jogo com o Bangu A. C., do Rio de Janeiro. Fazia parte da delegação o cronista esportivo de “A Noite” e da rádio Nacional – Sr. Antônio Cordeiro que, depois do jogo, transmitiu seu resultado pelo telefone – Tupi 3 a 2, e a notícia de que o mesmo fora televisionado. Nessa noite, o “Repórter Esso” noticiou que em Juiz de Fora fora televisionado, pela primeira vez no Brasil, um jogo de futebol (STEHLING, 1961, p.2).

Sobre as transmissões, colhemos depoimento com o empresário Affonso Celso Reis Oliveira Castro (2009), na época com 10 anos, que foi levado por familiares para assistir às imagens no aparelho de televisão instalado na Rua Halfeld. A curiosidade gerada pela transmissão não se limitava às pessoas que passavam pelo local, mas fez com que estas se mobilizassem para levar outras, a fim de desvendar o mistério da *caixa mágica*. De acordo com a pesquisadora Christina Ferraz Musse (2008), neste período, a experiência televisual era envolvida pela aura do mistério, do exotismo e da exceção.

Dentre as pessoas que presenciaram as transmissões, estava uma das que tiveram a sua história marcada por estas imagens, o engenheiro Víctor Purri Neto, que veio à cidade a convite dos padres redentoristas, para instalar os amplificadores de som da Igreja Nossa Senhora da Glória, em 1948. Hospedado no extinto Palace Hotel, no centro da cidade, no dia 21 de setembro, deparou-se com as transmissões feitas por Freire, a partir da câmera colocada no alto do Clube Juiz de Fora transmitindo para um aparelho no centro da cidade, vendo pela primeira vez imagens de televisão. Segundo o engenheiro, fascinado pela eletrônica: “foi uma realização genial” (PURRI NETO, 2009). Apesar de não confirmar, acreditamos que o encantamento pela tela mágica motivou Purri Neto a se dedicar aos estudos sobre televisão que, anos depois, vão fazer dele um dos técnicos mais qualificados do país, encarregado de trazer o sinal e instalar sem a ajuda de profissionais americanos, a terceira emissora de televisão do Brasil, a TV Itacolomi de Belo Horizonte, se tornando mais tarde o superintendente da emissora, como já relatamos.

Em 28 de setembro de 1950, dez dias após a inauguração da TV no Brasil, Olavo Bastos Freire transmitiu o primeiro programa de TV em Minas Gerais. Segundo Freire, foi o programa da Rádio Industrial, Noticiarista T9, patrocinado pelas Indústrias Químicas Carlos Pereira, realizado nos estúdios da emissora, no 11º andar do Edifício Baependi, no centro da cidade. De acordo com o técnico, ele recebeu do patrocinador Cr\$ 6.000,00, suficientes apenas para cobrir o gasto com o equipamento e a equipe, embora houvesse solicitado mais: “Eu pedi Cr\$ 10.000,00, mas ele achou muito” (FREIRE, 2001). O programa foi apresentado pelo repórter José Carlos de Lery Guimarães e teve a participação da cantora Oswaldina Siqueira. Sobre a experiência, o Diário Mercantil

faria nos anos 1970 uma reportagem especial onde registrou:

[...] imagem e som chegavam em condições normais à antiga Casas Pernambucanas, na Rua Halfeld, onde se improvisara um receptor para permitir a uma pequena multidão aglomerada, ver o que se passava no estúdio da emissora” (DIÁRIO MERCANTIL, 28 de setembro de 1973, p. 3).

Antes mesmo da inauguração da televisão no país, parte dos cidadãos juiz-foranos já estava encantada com as imagens transmitidas por Olavo Bastos Freire, mas com o início das transmissões da Tupi, no fim de 1950, Freire se muda para o Rio de Janeiro, onde foi trabalhar como técnico de aparelhos de TV da marca Admiral, já que era um dos raros profissionais no país com conhecimento da novidade eletrônica.

A semente plantada por Olavo

Cinco anos depois da mudança do pioneiro Olavo, de acordo com nossas pesquisas, outros se empenham em trazer o sinal de televisão para Juiz de Fora, e mais tarde tornar o município gerador de sua própria programação: os jornalistas Luiz Antônio Horta Colucci, José Carlos de Lery Guimarães, Rubens Furtado, o colunista social Décio Cataldi, o comerciante Celso Borelli Moreira, o empresário Oldemar Schmitz e os técnicos em eletrônica Maurício Panisset e Sérgio Magela Pereira.

Luiz Antônio Horta Colucci (2009), cuja família comprou um dos primeiros aparelhos de TV da cidade, garante que não era possível trazer inicialmente o sinal da Tupi, pois a antena estava situada no Morro do Pão de Açúcar no Rio de Janeiro, o que inviabilizava que as imagens chegassem até aqui, pois não se podia “enxergar” o morro. Somente após a inauguração da TV Rio, em 1955, cuja antena estava situada no Morro do Sumaré, tornou-se possível captar o sinal de televisão para Juiz de Fora, ainda que de maneira artesanal, já que a cidade não possuía equipamento para reforçar o sinal.

A partir daí, um pequeno grupo de entusiastas passou a se reunir, munido de coragem e espírito de aventura, para escalar os morros e subir nos prédios mais

altos, a fim de conseguir captar o melhor sinal possível da emissora carioca.

De acordo com Colucci (2009), depois das arriscadas experiências iniciais de recepção, um dos diretores da fábrica de aparelhos de TV Emerson, Oldemar Schmitz, que veio naquela data até Juiz de Fora, foi apresentado a Luiz Antônio Horta Colucci, durante as festividades de inauguração do Cine Excelsior, em 1958, que fora equipado com projetores da Emerson. Colucci manifestou para Schmitz seu desejo de trazer o sinal de TV para Juiz de Fora. A partir desta proposta, o representante da fábrica ofereceu um transmissor de baixa potência, em troca da abertura de uma loja que venderia exclusivamente aparelhos da Emerson. Em sociedade, uniram-se Schmitz (representando a Emerson), Colucci, o técnico em eletrônica Sgt. Sérgio Magela Pereira e o comerciante, Celso Borelli Moreira, que também já iniciara suas experiências de recepção do sinal em Juiz de Fora, para abrir a TV Service, uma loja inaugurada na Rua Batista de Oliveira, 656, especialmente para venda de aparelhos Emerson (COLUCCI, 2009). Sobre o início destas transmissões, o colunista social Décio Cataldi publicou:

Nossos aplausos! Domingo, depois das 13 horas, a aparelhagem de TV foi ligada no morro do Cristo Redentor e retransmitiu para a cidade - O Colucci que movimentou isto tudo, pegou os técnicos e um aparelho portátil e levou-os, em carro, circulando pela cidade, procurando captar, em qualquer ponto as imagens. Vários postos (casa comerciais que preparam os receptores), ligaram para o público na noite de domingo. Como resultado, boa (excelente mesmo) imagem e igual som - Lá em cima, no morro, as instalações foram feitas em definitivo e para as mesmas, já há manutenção e zelador permanente (DIÁRIO MERCANTIL, 29 de abril de 1958, p.4).

Apesar do movimento causado no comércio em virtude da chegada do sinal da TV Rio, Colucci destaca a precariedade das transmissões no final dos anos 1950:

Nós pegávamos, recebíamos o sinal da TV em um canal e retransmitíamos em outro. Devido à fragilidade do equipamento de transmissão a gente usava essa expressão de que uma antena não podia enxergar a outra. Uma antena ficava virada de um lado do Morro lá para o Rio de Janeiro, a outra antena, logo

abaixo da Igreja, dirigida para a parte central da cidade. E um equipamento de pouquíssima potência, apenas 300 milivolts a potência irradiada. Com isso, nós alcançávamos apenas o centro de Juiz de Fora, mas conseguíamos prolongar a imagem da TV Rio em Juiz de Fora. E eu, pertencendo na época ao Diário dos Associados, fui chamado pelo Sr. Renato, até para puxar minha orelha: “O Colucci, por que você não retransmite o sinal da Tupi?” (COLUCCI, 2009).

No período que o número de aparelhos começa a aumentar chega também o sinal da Tupi, iniciando a segunda fase da TV em Juiz de Fora. O sinal, trazido artesanalmente pelo técnico em eletrônica Sérgio Magela Pereira, sócio da TV Service, logo após a inauguração do sinal da TV Rio, foi financiado através de um consórcio, montado por Pereira com militares e funcionários civis do exército, que adquiriram aparelhos da marca Emerson contando com a chegada do sinal da emissora Associada, para assistirem a Copa.

Realizada na Suécia, a Copa do Mundo de 1958 deu o pontapé inicial nas investidas do comércio para agilizar a instalação do sinal da TV Tupi do Rio de Janeiro, que já anunciava a cobertura dos jogos. A moradora do bairro Fábrica, Maria Tereza Kneip (2009), pertenceu a uma das importantes famílias juizforanas que adquiriram um aparelho de TV através de consórcio para assistir a Copa. Em seu depoimento, nos revelou que os jogos chegavam a Juiz de Fora, transmitidos pela Tupi carioca, com atraso de três dias.

Em 1960, o juiz-forano podia assistir a 3 emissoras de televisão, todas cariocas. TV Tupi – canal 10 (RJ), TV Rio – canal 13 (RJ) e à TV Continental – canal 9 (RJ), esta transmitida improvisadamente pelo comerciante Celso Borelli Moreira (LARCHER, 2009), como abordaremos a seguir.

O juiz-forano conquista seu espaço na TV carioca

A TV Continental teve uma passagem meteórica na história da televisão brasileira e carioca, conforme esclarece a jornalista Edna Savaget (1976), ex-funcionária da emissora, em seu livro *Silêncio no Estúdio – O árduo caminho que conduz à Luz, Câmara, Ação!* Savaget afir-

ma que, apesar da curta existência (1959-1972), a emissora do Rio de Janeiro teve em 1960 seu auge, logo em seguida entrando em decadência. A jornalista usou nomes fictícios para falar sobre a empresa e seus proprietários: “Homens de ação e não de negócios. Muita confiança nos outros, mas pouco discernimento em relação às múltiplas atividades” (SAVAGET, 1976, p. 88).

Edna Savaget descreve assim o sucesso inicial, alcançado pela emissora:

Durante um ano inteiro a *Intercontinental* foi magnífica: os melhores teleteatros, os maiores cantores brasileiros, os mais bonitos *shows*, os melhores produtores, os mais expressivos apresentadores. Como foi lamentado o seu declínio. Os salários, começaram a atrasar, a grande maioria recorreu à Justiça do Trabalho, até que a Organização foi forçada a uma manobra decente para não entrar em falência.” (SAVAGET, 1976, p. 89)

E é no período áureo da Continental que a história da emissora se cruza com a da televisão em Juiz de Fora. O colunista social juiz-forano, Décio Cataldi, que escrevia para o Diário Mercantil, fora convidado a participar de um programa no canal carioca no dia 15 de dezembro de 1959. Sobre a participação Cataldi publicou:

Convido os amigos para um encontro, hoje, às 20 horas, no canal 9 – TV Continental, com este comentarista. Dentro do tempo que disponho naquela emissora, pretendo dizer um pouco da nossa cidade, de nossa gente e mostrar, especialmente ao povo carioca, alguns aspectos, filmados, da vida desta comunidade (DIÁRIO MERCANTIL, 15 de dezembro de 1959, p.4).

De acordo com Cataldi, devido ao sucesso, ficou resolvido que o colunista iria apresentar naquele canal, a partir de janeiro de 1960, um programa nas noites de domingo, tratando da vida econômica e social de Juiz de Fora. O convite para apresentação do programa sobre Juiz de Fora foi feito por Ricardo Linhares, um dos diretores da emissora. Seriam mostradas entrevistas que ele faria com pessoas do município e convidados (DIÁRIO MERCANTIL, 17 de dezembro de 1959, p.4). A partir

da proposta, ele passou a divulgar em sua coluna social quais seriam as atrações que pretendia levar ao programa:

Todos os fabulosos cantores da nossa terra: os fabulosos Pequenos Cantores de São Domingos, dois ou três excelentes intérpretes do nosso rádio, (você, por exemplo, já ouviram falar do Teixeira Neto no monólogo “Rua do Pobre”? É maravilhoso, o monólogo, é claro!); o coral do Conservatório; Edmundo V. Cortes; as escolas de sambas; as representações universitárias e os homens políticos tudo isso, estará desfilando no meu programa aos domingos, às 20 horas, pela TV Continental, Canal 9. E começarei neste domingo (DIÁRIO MERCANTIL, 8 de janeiro de 1960, p.4).

No dia dez de janeiro de 1960, estreia pela TV Continental o programa “Depois das Montanhas”, apresentado por Cataldi e pelo jornalista José Carlos de Lery Guimarães. Com este especial, a TV Continental tornou-se a primeira emissora a mostrar a cidade para os juiz-foranos e para o Rio de Janeiro. As imagens feitas por um cinegrafista que veio até Juiz de Fora, especialmente para as filmagens, “impressionaram muito o público carioca” (DIÁRIO MERCANTIL, 18 de dezembro de 1959, p.4).

Mas a cobertura sobre a transmissão, que se esperava fosse publicada amplamente no Diário Mercantil no período que sucedeu a apresentação do programa, não aconteceu. Cataldi fez apenas elogios à participação de Lery Guimarães e falou do convite que este jornalista recebeu para trabalhar no Rio de Janeiro. Agradeceu também àqueles que trabalharam para que o sinal fosse transmitido na cidade, já que dois dias antes do programa Depois das Montanhas ser exibido, a emissora havia saído do ar por problemas técnicos, retornando apenas 40 minutos depois do horário marcado para a exibição.

Um agradecimento muito especial aos Srs. José Lessa, Hércules de Oliveira e João Pinto Aguiar que, desde sábado, procuraram dar a melhor assistência a aparelham de retransmissão da TV do Morro do Imperador. Às 20,40 horas, o meu programa, afinal, foi captado em Juiz de Fora, depois de uma interrupção havida no Rio (DIÁRIO MERCANTIL, 12 de janeiro de 1960, p.4).

Como já dissemos anteriormente, nos dias subsequentes à exibição do primeiro programa, muito pouco foi publicado pelo Diário Mercantil, não havendo nenhuma alusão ao possível sucesso que a transmissão possa ter obtido e à realização de outros programas seguintes tão alardeados por Cataldi. Ocorre ainda, que na edição do Mercantil do dia seguinte à transmissão do programa da Continental, o jornal abriu amplo espaço para noticiar a chegada do sinal da TV Tupi a Juiz de Fora, agora, oficialmente. Acreditamos que Cataldi foi silenciado logo que retornou da emissora carioca. O início do sinal da Tupi na cidade, aos cuidados das Associadas, fez com que estas reduzissem o espaço dedicado para as emissoras concorrentes, além de não verem com bons olhos as participações de Cataldi na TV Continental, levando para a emissora carioca verbas publicitárias que poderiam ser destinadas ao condomínio.

Depois da curta passagem do colunista social pela Continental, não localizamos mais notícias sobre outras edições do programa Depois das Montanhas nem sobre a emissora nos jornais dos Diários Associados em Juiz de Fora.

Surge a primeira emissora local

No dia 21 de abril de 1960, Brasília foi inaugurada e as solenidades transmitidas pela TV Tupi para toda a região Sudeste. A fim de tornar possível esta transmissão, a emissora montou uma estrutura grandiosa, os esforços e recursos empreendidos para tal intento receberam das Associadas o nome de Operação 21 de Abril (ESTADO DE MINAS, 3 de abril de 1960). A primeira parte constou da ligação entre São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte e a segunda, da ligação de Belo Horizonte a Brasília, ambas através de links de micro-ondas.

Segundo o ex-superintendente da TV Itacolomi, Víctor Purri Neto (2009), Juiz de Fora foi um dos sete locais escolhidos para receber uma antena de retransmissão, por possuir uma montanha com altitude adequada, o Morro do Arado. Purri Neto, que participou como engenheiro geógrafo do projeto Intitulado *Radar Profile Study*, feito por uma empresa americana para a *Radio Corporation of Americ* (RCA), que forneceu o equipamento para instalação das torres, detectou e fotografou os lugares onde deveriam ser fixados os pontos de linha de transmissão.

Dentro da Operação 21 de Abril, que seguia instalando as antenas de retransmissão da Tupi a partir do Rio de Janeiro, os trabalhos em Juiz de Fora foram concluídos em fevereiro de 1960. A partir daí a cidade começou a receber oficialmente o sinal da emissora Associada, deixando para trás as experiências feitas até aquele momento com a transmissão da Tupi.

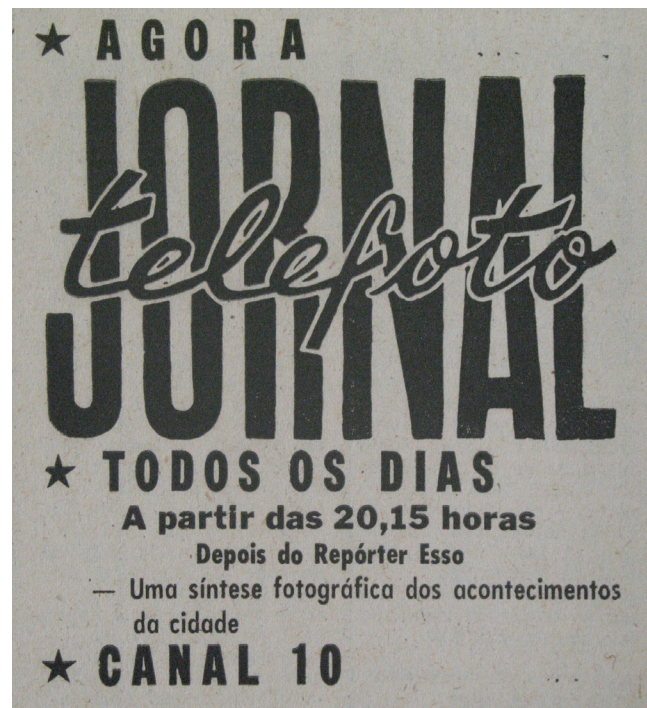
As Associadas, em 22 de dezembro de 1956 (em virtude do sucesso alcançado pela Tupi e já com pretensão de formar uma rede no país), já haviam protocolado, junto ao Governo Federal, um pedido de concessão para uma emissora de tevê geradora de sinal em Juiz de Fora, e que seria a primeira do interior do país. O que foi feito graças à projeção como cidade industrial, que Juiz de Fora ainda possuía. Mas o projeto de Chateaubriand só se torna concreto graças à Operação 21 de Abril, que instalou o transmissor no alto do Morro do Arado, tornando Juiz de Fora a partir de fevereiro de 1960, capaz de receber com qualidade, o sinal da Tupi vindo do Rio ou Belo Horizonte, e irradiar sinais de TV, valendo-se da torre retransmissora. Começava a se criar a estrutura para a TV Mariano Procópio, que recebeu este nome “numa deferência especial à memória do grande brasileiro Mariano Procópio, construtor da primeira rodovia do Brasil” (ESTADO DE MINAS, 12 de abril de 1960, p.2).

O primeiro telejornal da cidade

A precariedade técnica da TV Mariano Procópio, que não chega a obter uma concessão do Governo Federal, converteu-se em criatividade para a elaboração do formato daquele que consideramos o primeiro telejornal de Juiz de Fora.

Quando ouvimos pela primeira vez as palavras Telefoto Jornal, durante depoimento concedido a nós, em 2006, pelo ex-fotógrafo dos Diários Associados, Jorge Couri, consideramos ser impossível localizar vestígios e provar a existência dessa produção. Pensamos também que pudesse ser um engano, pois se tratava de um evento de quase cinquenta anos atrás e que por se basear na memória do depoente, os acontecimentos ou impressões relatados poderiam estar distorcidos, como nos ensina a escritora Maria Tereza Frota Haguette (1992).

Localizamos anúncios no Diário Mercantil convidando os telespectadores da cidade de Juiz de Fora para assistirem às reportagens que seriam mostradas logo após o Repórter Esso, no Telefoto Jornal. A partir desses anúncios encontrados nos jornais das Associadas em Juiz de Fora, e unindo essas informações ao depoimento de Jorge Couri, podemos verificar que, nos anos 1960, através da antena da Mariano Procópio no alto do bairro São Benedito e do projetor de eslaides instalado no mesmo local, era exibido, durante cerca de cinco



Fonte: Diário Mercantil, 28 de novembro de 1961

Segundo Jorge Couri (2009), tanto o material jornalístico como a publicidade eram fotografados por ele, seguindo a orientação de Furtado. Os textos eram do jornalista Rubens Furtado e a narração também, que nessa função se revezava com o radialista Cláudio Tempioni, além do também radialista Geraldo Basdon, que fazia a locução dos comerciais. Como trabalhamos com história oral, estamos sujeitos a flutuações da memória, assim, Jorge Couri (2009) não tem certeza de como era feita a interrupção da programação da Tupi para a entrada do Telefoto Jornal. Ele se lembra apenas de que o sinal da Tupi era interrompido quando aparecia a imagem do “índiozinho” (símbolo da emissora) na tela. A partir

daí, apresentavam-se alguns eslaides² com notícias e publicidade. Sobre a rotina da produção, Furtado destacou:

Fazia um texto, gravava e depois eu pegava as fotos e fazia sequência das fotos. Então o operador ia no transmissor ligava ele e ia colocando as fotos na medida que dava a notícia. Por exemplo: O prefeito Olavo Costa foi hoje inaugurar um novo sistema de água no Jardim Glória e aí aparecia ele inaugurando na foto (FURTADO, 2009).

De acordo com Couri (2009), o *Telefoto Jornal* foi feito inicialmente com eslaides sem acompanhamento de som, depois com locução ao vivo e, mais tarde, valendo-se de um gravador³ adaptado, quando os textos puderam seguir prontos para serem exibidos no *Morro do Arado*. Em seguida, cortava-se novamente para a programação da *Tupi do Rio*, que era o sinal retransmitido na cidade.

Destacamos o ineditismo do formato do telejornal produzido em Juiz de Fora. Willians Cerozzi Balan (2008), que pesquisa a evolução técnica da tevê no Brasil, não chegou a identificar modelo semelhante de telejornal, embora os eslaides já fossem utilizados recorrentemente para anunciar e informar durante a programação. Este recurso, inclusive, funcionava como um “socorro”, a fim de possibilitar que, nos intervalos, fossem feitas as mudanças no estúdio ou montados cenários para a publicidade ou outros programas, em uma época em que a programação era feita essencialmente no estúdio e ao vivo. Nas interrupções das transmissões por problemas técnicos, muito comuns nos primeiros anos da televisão, eles também entravam no ar mantendo-se por horas e horas até a volta do sinal da emissora.

O *Telefoto Jornal* vigorou, segundo Couri (2009), por quase três anos (1961-1963), embora os anúncios encontrados nos jornais da época dessem conta da existência do jornal apenas entre 24 de novembro de 1961 e 2 de dezembro do mesmo ano. Em suas pesquisas

2 Não foi possível verificar quantos eslaides eram exibidos, mas de acordo com Morais (2009) o jornal apresentava diariamente várias notícias.

3 Segundo o jornalista Rubens Furtado (2009), era um gravador que hoje já não existe mais, registrando o som numa espécie de fio. De acordo com nosso levantamento acreditamos que tenha sido um gravador de fio modelo 268-1, fabricado em 1948 pela Webster, Chicago, EUA.

sobre o pioneirismo da televisão em Juiz de Fora, Livia Fernandes (2009) confirma que a produção do *Telefoto Jornal* aconteceu por cerca de três anos, mas que não é possível precisar as datas de início e de encerramento, já que os anúncios sobre a produção da *TV Mariano Procópio* ocorreram apenas nos últimos meses de 1961.

Embora Morais (2009) e Couri (2009) diverjam sobre quanto tempo durava o jornal no ar, ambos deixam claro que as notícias eram variadas:

Esportes, por exemplo, seguidos de um anúncio da Casa do Atleta. E podia ser mais de uma notícia sobre o assunto, dependendo do que estivesse acontecendo no dia [...] O *Telefoto* tinha outras coisas, tinha festas, eventos, acho que na parte social entrava o Décio, a “Notícia Social do Dia”. Notícias de polícia não me lembro, mas devia dar sim (MORAIS, 2009).

Todos os pioneiros da *Mariano* chamam a atenção para o fato de terem sido apresentadas notícias diárias sobre a administração do então prefeito, Olavo Costa, que, de acordo com Couri (2009), foi um dos que anunciaram no jornal em troca da visibilidade, já que a programação da *TV Mariano Procópio* era exibida em brechas da *Tupi carioca*. Para Furtado (2009), o *Telefoto Jornal* tinha dupla finalidade:

Primeiro a *TV Mariano Procópio* se apresentava para mostrar aqui na televisão de Juiz de Fora um telejornal no ar e, segundo, arrecadava o dinheiro da prefeitura para mostrar o prefeito inaugurando as obras dele, porque todo dia tinha uma notícia sobre a prefeitura. [...] O *Telefoto jornal* era um sucesso, a prefeitura pagava bem por que todo dia a gente punha o prefeito no *Telefoto*; uma notícia pelo menos do prefeito; e ele dava um dinheiro qualquer por aquele sucesso (FURTADO, 2009).

Porém, de acordo com Morais (2009), durante a existência do *Telefoto Jornal* não foram publicadas apenas notícias favoráveis sobre Olavo Costa, o que coaduna com o depoimento do diretor das *Associadas Renato Dias Filho* (1980), que destaca a relação das *Associadas* com os políticos em Juiz de Fora. Desta forma, acreditamos que o *Telefoto Jornal*, apesar de ter sido produzido para a moderna plataforma audiovisual que era a tele-

visão, reproduzia o modelo utilizado pelas Associadas, isto é: sem manter distância suficiente dos personagens políticos (RIBEIRO, 2007).

Embora desde a primeira transmissão de TV no Brasil os patrocínios tenham existido, evidencia-se o apoio por parte da Prefeitura para o Telefoto Jornal (COURI, 2009), mas que acreditamos tenha sido obtido através do fantasma das campanhas realizadas pelas Associadas em Juiz de For. A transmissão do Telefoto Jornal, fez parte da estratégia utilizada por Renato Dias Filho e Rubens Furtado para convencer a classe média a investir na TV Mariano Procópio S.A.

Ao observarmos o trabalho de Jorge Couri, inicialmente responsável pelas fotografias do Diário Mercantil e Diário da Tarde, mais tarde cinegrafista da Mariano Procópio, produzindo slides e filmes em película para tevê, podemos ver a maneira como o Telefoto Jornal atuou, preparando e conquistando o público através de uma linguagem que oscilava entre a fotografia e o cinema, para o que viria a ser o telejornalismo moderno na tevê, que tem nas imagens um elemento indispensável para atuar como produtor de sentidos e construtor de realidades.

Considerações Finais

A proposta desse trabalho foi compreender por meio de vestígios como se deu o início da televisão em Juiz de Fora, a partir das experiências de Olavo Bastos Freire até que o primeiro telejornal da cidade, o Telefoto Jornal, se tornasse uma realidade.

A TV Mariano Procópio, surgida e extinta na década de 1960 e que neste período realizou inúmeras produções de material audiovisual, desaparece sem usufruir do aperfeiçoamento tecnológico que vai tomando conta da televisão brasileira. Os eslaides e filmes efetivados pela emissora, caracterizavam-se pela forma artesanal, feita na base da criatividade e do empenho de homens fascinados pelas possibilidades que se abriam através do sinal da televisão. O escritor Gabriel Priolli, ao tratar da enorme precariedade que ocorria nos programas ainda nos anos 1950, destaca que os produtores eram forçados a uma improvisação que oscilava entre a genialidade e o ridículo (PRIOLLI, 1985, p.22-23) e que, acreditamos, nos anos 1960 ainda marcava a televisão feita em Juiz de Fora.

Referências

BALAN, Willians Cerozzi. *Um breve olhar pela evolução da TV no Brasil*. Bauru, 2008. Disponível em: <www.willians.pro.br>. Acesso em: 10 jan. 2009.

CASTRO, Affonso Celso Reis Oliveira. *Affonso Celso Reis Oliveira Castro*: depoimento [nov. 2009]. Entrevistador: Flávio Lins Rodrigues. Juiz de Fora, 2009. 1 fita cassete (60min), estéreo.

COLUCCI, Luiz Antônio Horta. *Luiz Antônio Horta Colucci*: depoimento [jan. 2009]. Entrevistador: Flávio Lins Rodrigues. Juiz de Fora, 2009. 1 fita mini-DV (60min).

COURI, Jorge Constantino. *Jorge Constantino Couri*: depoimento [jan. 2009]. Entrevistador: Flávio Lins Rodrigues. Juiz de Fora, 2009. 1 fita mini-DV (60min).

DIÁRIO DA TARDE. Juiz de Fora, MG: Diários Associados. Edições: De jan. a dez. 1947. De jan. a dez. 1948. De jan. a dez. 1958. De jan. a dez. 1959. De jan. a dez. 1960. De jan. a dez. 1961. De jan. a dez. 1962. De jan. a dez. 1963. De jan. a dez. 1964. De jan. a dez. 1965. De jan. a dez. 1966. De jan. a dez. 1967. De jan. a dez. 1968.

DIÁRIO MERCANTIL. Juiz de Fora, MG: Diários Associados. Edições: jan. a dez. 1948. De jan. a dez. 1958. De jan. a dez. 1959. De jan. a dez. 1960. De jan. a dez. 1961. De jan. a dez. 1962. De jan. a dez. 1963. De jan. a dez. 1964. De jan. a dez. 1965. De jan. a dez. 1966. De jan. a dez. 1967. De jan. a dez. 1968. 28 nov. 1973.

ESTADO DE MINAS. Belo Horizonte, MG: Diários Associados. Edições: de jan. a dez. 1960. De jan. a dez. 1961. De jan. a dez. 1964. De jan. a dez. 1965. De jan. a dez. 1966. De jan. a dez. 1967. De jan. a dez. 1968.

FERNANDES, Lúvia. *Telejornalismo na TV Mariano Procópio*: primeiros passos do noticiário na TV do interior do país. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 23., 2009, Curitiba. Anais... Curitiba: UFPR, 2009.

FREIRE, Olavo Bastos. *Olavo Bastos Freire*: depoimento [jun. 2001]. Entrevistadores: Nilo de Araújo Campos e

Hilda Rezende Paula. Juiz de Fora, 2001. 1 mini-disk, estéreo.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. *Metodologias qualitativas na Sociologia*. 3. ed. rev. e atual. Petrópolis: Vozes, 1992.

FURTADO, Rubens. *Rubens Furtado*: depoimento [jan. 2009]. Entrevistador: Flávio Lins Rodrigues. Juiz de Fora, 2009. 2 fitas mini-DV (120min).

KNEIP, Maria Tereza. *Maria Tereza Kneip*: depoimento [jan. 2009]. Entrevistador: Flávio Lins Rodrigues. Juiz de Fora, 2009. 2 fitas mini-DV (120min).

LARCHER, Roberto Larcher. *Roberto Larcher*: depoimento [nov. 2009]. Entrevistador: Flávio Lins Rodrigues. Juiz de Fora, 2009. 1 fita cassete (60min), estéreo.

MILANESI, Luís Augusto. *O Paraíso via Embratel*: o processo de integração de uma cidade do interior paulista na sociedade de consumo. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

MORAIS, Mário Manzolilo de. *Mário Manzolilo de Moraes*: depoimento [jan. 2009]. Entrevistador: Flávio Lins Rodrigues. Juiz de Fora, 2009. 2 fitas mini-DV (120min).

MUSSE, Christina Ferraz. *Telejornalismo e imaginário urbano*: a cidade na TV. In: VI Congresso Nacional de História da Mídia, 2008, Niterói. VI Congresso Nacional de História da Mídia. São Paulo : Rede Alcar, 2008.

PRIOLLI, Gabriel. *Televisão e Vídeo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

PURRI NETO, Víctor. *Víctor Purri Neto*: depoimento [jan. 2009]. Entrevistador: Flávio Lins Rodrigues. Belo Horizonte, 2009. 3 fitas mini-DV (60 min).

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *A década das grandes mudanças*. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=438aZL006>>. Acesso em: 10 dez. 2008.

SAVAGET, Edna. *Silêncio no estúdio*: o árduo caminho que conduz à luz, câmara, ação! Rio de Janeiro: Record, 1976.

STEHLLING, Luiz José. *Primeira demonstração pública de TV na América do Sul*. Diário Mercantil, Juiz de Fora, p.2, 4 nov. 1961.